



As nossas actrizes: — Elisa Carreira, uma das nossas mais galantes "diuetes", no "trevo de quatro folhas" das "Rosas de Portugal"

ALMA NOVA

SUMÁRIO DÊSTE NÚMERO

AS NOSSAS ACTRIZES: Elisa Carreira nas "Rosas de Portugal" (gravura);
DIALOGO, por Maria Rosa Guimarães da Silva; A MARGEM DOS FACTOS;
Crónica, por Mateus Moreno; As Cartas de Amor em Portugal (cont.), por Julião
Dantas; A Mulher Portuguesa, por Luís Chaves; RECREIO DOS MATUTOS;
Charadas, enigmas, anedotas e adivinhações, por Tenuau; DELO ALGARVE: A
"Casa dos Algarves", em Lisboa, e o "Instituto Algarvio" de Coimbra, pela Redacção;
O ECO NACIONAL (página gráfica de actualidades); Tomás Cabreira.
NOTÍCIAS & PUBLICIDADE

"COLECCÃO RESSURGIMENTO"

Direcção: Calçada João do Rio, 8-1.ª - LISBOA

Romances, peças de teatro e romances, de autores nacionais e estrangeiros, estudos sociais, económicos, artísticos, etc., em bellos volumes de 60 a 100 páginas

.... Cada volume Esc. 3\$500

Assinaturas por 5 volumes: Escudos 13500 (Pagamento adiantado). Edições de luxo, preços especiais.

Todos que se interessam pela boa leitura, devem fomentar o desenvolvimento desta "Colecção"

..... Volumes já saídos ou a entrar no preço:

I — Bibliographia Portuguesa da Grande Guerra (Notas subsidiárias para a obra, pelo capitão José Brandão, ed. II, ref. do autor (Aquisição autorizada pelo O. E. n.º 4 (1.ª e 2.ª) de 1928)	3\$50	Seleção de Contos. Edição profusamente ilustrada e de interesse para todas as províncias (ed.)	3\$50
II — O Lamento Amor. Romance passionista por D. Ramon Maria Yezouzo. Versão de Emília Franco. Prefácio de Fidalgo de Figueiredo, c. ref. do A.	3\$50	VI — Impressões de Angola. (Eros dessa viagem de exploração antropológica) pelo Dr. F. d'Alencar Monteiro (em prepara)	3\$50
III — Espanha Maravilhosa. (Sevilha e Córdoba), por José Elias Soeiro (a entrar no preço)	3\$50	Mateus Moreno: EDITIONS VARIAS	
IV — Teatro: Peças de Dr. Luis d'Oliveira Guimarães e Mateus Moreno (ed.)	3\$50	A Nova Guerra e a Artilharia (Aquisição autorizada)	7\$50
V — A Mulher Portuguesa, por Cláudio Baste, Luis Chaves e		Relatório de Bettencourt: O Mundo das Imagens (crónicas, retratos e viagens)	7\$50
		Dr. Luis d'Oliveira Guimarães: O Diabo, Mestre de Dança (crónicas misteriosas)	7\$50

(Desconto de 20 % aos assinantes da "ALMA NOVA")

OUTRAS EDIÇÕES

Pedidos à C. João do Rio, 8-1.ª - LISBOA



Peça-nos

"A GAROTA"

As mais belas páginas de Arte e Humorismo

N.ºs 1 a 4, cada . . . 1\$00

CAMPANHAS
CAMILIANAS

POR

OLDEMIRO CESAR

E

CRUZ MAGALHÃES

(Com illust. de Rafael Bordalo)

Vol. broch. 3\$00

(Quilê esgotado)

O MUNDO
DAS IMAGENS

CRÓNICAS
RETRATOS
E
VIAGENS
DE

Rebello de Bettencourt

Um belo vol. de 160 pág. 7\$50

Livro da maior actualidade e interesse



— Porque estás tu assim doído por esse pobre cego?...

— Porque me lembro daquelle outra que vem na Novela «O LOUCO AMOR».

Por MATEUS MORENO:

"SANGUE D' EPOPEIA"

A ARTILHARIA PORTUGUESA NA FLANDRES

(Livro oficialmente recomendado)

1 vol. ils. de 150 pág. 5\$00

DA GUERRA E DA PAZ:

"SINFONIA MACABRA"

1 vol. ils. 2\$00

COOPERATIVA EDITORA
"RESSURGIMENTO"

DESCONTOS



GARANTIAS

AUXÍLIOS

Sócios de Consumo 20\$00

+ Interêsse 500\$00

Inscrição: C. João do Rio, 8-1.ª - LISBOA

Por Dr. M. F. DO ESTANCO LOURO:

Os Lusíadas

O Povo Português

NO VOCABULÁRIO

1 volume 7\$50

"Caderno de Gramática Portuguesa"

para o I, II e III classes das liceus (de harmonia com o programa em vigor)

Cada 3\$50

A sair: "O LIVRO DE ALPORTEL"

Peça hoje mesmo o tomo I de

O DESENHO E AS MULHERES

no labor artistico de RAFAEL BORDALO

OBRA INDISPENSÁVEL EM TODAS AS ESCOLAS E BIBLIOTECAS

Cada tomo, 10\$00 Assin. da obra (3 t), 30\$00

LIVROS BARATÍSSIMOS:

Minha Pátria, poemas de Mateus Moreno, 2.ª edição	2\$50
Eça de Queirós revelado, edição illust.	2\$50
Canções, de Rebello de Bettencourt, 2.ª edição	2\$50
Musa Algarvia, inéditos vários	7\$50
Odes de Anacreonte, por Luis Calado Nunes	2\$50

V. Ex.ª gasta mensalmente dezenas de escudos em coisas inúteis. ¿Porque não dispensa 1 apenas para a ALMA NOVA?

ESTA REVISTA NÃO TEM FINS COMERCIAIS, VIVE APENAS DA DEDICAÇÃO DOS SEUS AMIGOS E COLABORADORES, SO INTUITO DE BEM SERVIR AS LETRAS E ARTES PORTUGUEZAS, TODOS OS AUXÍLIOS, OU RECITAS DE ASSINATURAS, SÃO DESTINADOS EXCLUSIVAMENTE À SUA MELHORIA E : : : : : EXPANSÃO : : : : :



DIRECTOR E EDITOR
MATEUS MORENO
Direcção: Calçada João de Sá, 5-1.
LISBOA.

Assin.: Anu. (12 n.º) 1000; Gólosimo, 1200
Estrangeiro, 1200 (25 frs.)

REDACTORES EFFECTIVOS

DR. EMÍLIO SAUGUIERO, DR. LUÍS D'OLIVEIRA GUIMARÃES, DR. M. GOMES DOS SANTOS E REBELO DE BETENCOURT.

Propriedade da Cooperativa Editora
«RESSURGIMENTO» — Lisboa.

Composição e impressão — Tipografia Minerva
VILA-NOVA-DE-FAMALICÃO

D I Á L O G O

Frequente são cruentos lacerado de demãos vermelhas. Ao canto um «diva» cheio de alvofodes de bolos as côres, lanchões e feições... No meio delas, quasi excoallida, quasi enterrada, uma graciosa figurinha de mulher a dormir e a sonhar!... Um leve mormorio, parecendo sair do sol e duas vozes — a do Coração e a da Cabeça — segredam entre si:

A Voz da Cabeça. — Senhora Cabeça, eu queria pedir-lhe dois minutos de atenção, agora, enquanto a nossa dona está a dormir; poderá atender-me? É caso urgente!

A Voz do Coração. — Já sei. O meu amigo apaixonou-se e vem-me pedir conselhos? Se é isso, a má porta se'n' bater!

A Voz do Coração. — A má porta vem bater? É pouco, Santo Deus?

A Voz da Cabeça. — Ora! Então o meu amigo não compreende que, sendo eu uma velha egoísta, só olho as minhas conveniências, sem mesmo querer saber se o amor existe ou o que ele é?

A Voz do Coração (insiste). — O amor é o meu único alimento...

A Voz da Cabeça (trocista). — Ai, filho, que alarmento tão indigesto! Antes estivesse de dieta rigorosa...

A Voz do Coração. — Não diga isso, porque o amor é uma necessidade existe. Já parou no que seria a Vida sem ele? — O mesmo que uma flor sem perfume ou uns olhos sem luz!

A Voz da Cabeça (rabugenta). — Pois sim, pois sim, o amor será tudo isso, mas eu cá... odeio-o!

A Voz do Coração (insistiosa). — Olhe que o ódio é o amor às avessas...

A Voz da Cabeça (fazendo-se desentendida). — Eu sou toda pela razão e contra o sentimento...

A Voz do Coração. — E eu sou pelo sentimento e também pela razão que o guia.

A Voz da Cabeça. — Es um pau de dois bicos...

A Voz do Coração (formalizada). — E a sentença é pouco delgada!

A Voz da Cabeça (querendo harmonizar). — Está bem, está bem, não vale zangar!

A Voz do Coração (maguida). — Pois não vale; mas a senhora Cabeça sempre diz coisas!...

A Voz da Cabeça. — Retiro o que disse. E agora, para consolidarmos a paz, diz lá, então, qual é o objecto do teu amor?

A Voz do Coração (convoada). — O objecto do meu amor? Mas é a Terra, o Mar, o Sol, a Lua e as Estrelas; o piñeiro que entranha com o seu alegre chilrear e a flor que inclina com o seu perfume suave; a criança inocente que ri ao futuro e o velho hospedeiro que sorri ao passado; o moço corajoso que vai para a guerra e a meiga compunheira que o espera chorando!

A Voz da Cabeça (enternecida). — Pobre amigo!

A Voz do Coração (cada vez mais entusiasmado). — O que eu amo, pergunto-me? Mas tudo que é nobre, belo, sublime; tudo o que vive, sente e se agita; tudo, enfim, que ama e sofre como eu!

A Voz da Cabeça (cheio de lágrimas). — Pobre amigo, pobre coração! Afinal, sendo assim tão amante, a única coisa que ele ama a valer é... o amor!

MARIA ROSA GUIMARÃES DA SILVA.





PARTE isto, o que encerra certo mistério produz maior impressão do que o que se compreende sem esforço. Já lá confessara certo obade francês, que a sua profunda admiração pela Bíblia provinha de que, felizmente, nunca havia podido compreendê-la. Para o estudante da *Euphrasia*, a carta de amor devia ser, sobretudo, elogiosa. Alugar uma mulher falando-lhe da sua beleza — e as mais leias devem ser as mais ufagadas — era enlaio e foi sempre o grande segredo da boa estrela amorosa. Quantas mulheres se deixam vencer porque um homem lhes sabe falar melhor da que outra, não só ao seu coração, mas também à sua vaidade!

No que respeita a ciúmes, a grande lâfica era: «nada confessar, nada negar». O que falava escrito e curta devia apresentar-se como um ser enigmática perante aquela que a lia, e, ao mesmo tempo, em contrapartida, devia esclarecer a mulher acerca dos seus próprios sentimentos. Enfim, o importante era mentir bem, mentir sempre. «Quando mais se ama uma mulher, menos se lhe deve dizer a verdade». A mentira foi no século XVI, como o é hoje ainda, uma das melhores armas do amor.

Como resposta a mulher do século XVI e todos estas mentiras? Ignoro-o, mas sei, em compensação, que nas suas respostas excediam, às vezes, em malícia e em doblrez os seus correspondentes. Se havia a portuguesa sincera, abrindo o seu coração, entregando-se sem reservas, como Sora Mariana, havia também outras, que usavam e abusavam da mentira: as que ainda não amavam, as que não amavam, absolutamente. Para este período jôjo a portuguesa dispunha de grandes recursos, porque escrevia muito bem.

Tamé Plábeira de Veiga, nos comêços do século XVII, falando da vivacidade das mulheres espanholas, dizia: «Raramente se lhes dirá uma coisa sem que elas respondam com outra melhor; mas se tem boa palavra, falta-lhes a pena; não escrevem tão bem como os portugueses». Foi precisamente nessa época que em Portugal se inventou uma linguagem especial, requintada, cheia de subtilezas, de preceitos obscuros, affectados, quasi intelligíveis. Esta linguagem era a mais pura expressão do gosto literário da época. Foi chamada «fratânica», porque nasceu da eciosidade dos conventos e do preciosismo das irmas industriosas, dentre as quais a mais graciosa e lodina foi a celebre Sôror de Odivelas, Feliciano de Milão. Cada carta de autor era um perfeito enigma. Os mosteiros portugueses transformaram-se em verdadeiras escolas do sentimento. Os generosos domadores de Odivelas, de Sant'Ana, de Penha Longa, de Santa Clara, criaram, não só o modelo da carta de amor, mas também todo o ritual, todo o protocolo amoroso do tempo.

Um registro da Biblioteca Nacional de Lisboa (n.º 5-609 do Teatro antigo) contém um precioso documento, ainda inédito, que nos ensina, nalguns detalhes muito intimos, como as irmas — as grandes professoras do amor no século XVII — se comportavam com os seus adoradores. E uma espécie de estatuto, em que a maléria, cheia de graça, está disposta por artigos. Nêle se precisa que as irmas devem guardar certa preferência pelos namorados que escrevem maior numero de cartas, que são epistolarmente prolizos e que profuzalizam as subtilezas e os jogos de palavras. Escrita-se, igualmente, que se não deve responder nunca antes da terceira carta; que se devem alternar as «cartas de ciúmes» com as «cartas de saudade», pero que não seja tudo, nem doce nem amargo; que, para as cartas sentimentais, e interessada poderá a «madre escreva» linha vermelha para desenhular um coração, que dirá estar feito com o seu próprio sangue; que para as «cartas de nascença», as mais frias, deverá servir-se de dois fiteiros, um cheio

AS CARTAS DE AMOR EM PORTUGAL

PELO
DR. JÚLIO DANTAS

(CONTINUAÇÃO)

de tinta para escrever e outro de água, com que salpicará o papel para simular as lágrimas. As seculares imitavam as religiosas. Redigiam cartas parecidas, igualmente intelligíveis e perfumadas com água de Córdova, perfume então na moda. E o português de 1650, tão devoto como cavalheiro, o português pintado por Velásquez, melancólico, taciturno, todo vestido de negro, caio em tálisis porque entre os seus dedos palpitava este papellinho de meilina e de frivolidade.

Com o século XVIII, «esse século que deu a nota do escândalo, mas que conheceu o amor», se há que acreditar nos Concourt, a carta amorosa perdeu muito do seu carácter «fratânico». Conserva ainda muitos dos seus antigos preceitos — «pastilhas de âmbar e de açúcar» —, mas converte-se em algo mais simples, mais natural, mais elegante, mais sóbrio; cria-se uma fórmula para as declarações de amor, que as torna todas parecidas, na expressão do Cavalheiro de Oliveira.

Desde as cartas da religiosa Carlota, publicadas recentemente, pelo sr. António Beirão, até as cartas amorosas que o grande Marquês de Pombal dirigia, aos 60 anos, à francesa de quem estava enamorado, decorei um longo periodo em que se acentua neste genero de literatura a facilidade e a simplicidade do estilo. As cartas estavam escritas em papel lestonado de forma triangular e fechadas com obores, de côtes diversas.

Não se pode imaginar, diz o autor do «Descrição da cidade de Lisboa» (1735), como que destreza as mulheres portuguesas, na igreja, encapuchadas nos seus mantões negros, recebiam as cartas de declaração que os enamorados deviam deslizar ao offerecer-lhes a água benta.

E ainda o Cavalheiro de Oliveira quem, na sua sétima carta, nos dá o tipo da declaração de amor no século XVIII. Ei-la aqui textualmente:

«Constrangido irresistivelmente, vos revelar-lhe nesta carta um segredo desde há muito occulto. Far hoje um mês que vos vi pela vez primeira e desde então não mais deixei de amar-vos. Não sois cruel, não vos melindrei na mais insignificante parcela do vosso ser por esta confissão. Como se poderia deixar de admitir uma beleza como a vossa, sem incorrer na maior injustiça? O amor é o mais rico adorno da beleza, e o que vê a beleza sem amor, fira-lhe as golas dumo maneira tão indigna que merece castigo. Se, pelo contrario, quereis castigar-me por haver cumprido o meu dever, equi me tendes. Não merecendo o vosso agravoção perco um bem mais precioso que a própria vida. Atabei o vosso cruel farelo: *mofo-me*».

Já não é de Gongora, é de Marivaux. Através destas simples linhas, se vem os cabelos empoados, as casacas de seda, o adejar dos leques, o passo do «ministe». Na sua forma protocolar, é rápida, lisa, sorridente, elegante como uma reverência, é a carta do essor escrita e lida pelos pares de namorados que se beijavam nos jardins de Quiluz e que entrevemos ainda hoje nos tetos «pauventes» dourados da «Sala das Merendas». A vibração, o estremecimento humano do verdadeiro paixão, recebe-o somente depois pelo alma livre e ardente do Romantismo.

O grande século das cartas apaixonadas e arrebatadoras é o século XIX. Mas todo este tesouro de sentimentalidade perforce jô no nada. As cartas de mulheres com que se poderiam ter formado admiráveis volumes, estão hoje sepultadas em cinzas. Dormem para sempre com as finas e braucas mãos que as escreviam e com aqueles corações que lobejaram ao ritmo emocionante das suas frases.

Garrell, o que tanto amou, disse-o, ao alitar ao fogo as frescotas cartas de amor da Viscondessa da Luz: «Que doce é o perfume das cartas de amor quando ardem!»



«ORFEÃO ACADÉMICO DE LISBOA»

A actual direcção está intensificando os laços de solidariedade, não só entre toda a academia da Capital, mas desin com as restantes do país, e sobretudo Coimbra, onde brevemente o «Orfeão» deve ir, a convite do respectivo «Orfeão Académico».

Em 22 do corrente realisa-se em Lisboa, no Teatro Politeama, a apresentação solene do «Orfeão», com a assistência do Chefe do Estado, Governo, Presidente da Câmara e Rector da Universidade, seguindo depois o mesmo em excursão pelo continente e ilhas, devendo realizar também, ainda este ano, uma vingem no estrangeiro.



O ECO



NACIONAL

ALMA NOVA — N.º 13

(PÁGINA GRÁFICA DE ACTUALIDADES)

V SÉRIE — MARÇO, 1929



TOMÁS CABREIRA

Uma das maiores e mais queridas figuras algarvias, que nas Ciências, no Magistério, na Política e nas Letras exerceu lugar de relevante prestígio, devendo-lhe a província natal essa formosa bíblia de regionalismo, que se chama *O Algarve Económico*.

A CAPITAL ALGARVIA COMEMOROU, EM 23 DE JANEIRO, A DATA DO 64.º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE TÃO GLORIOSO PATRÍCIO

PELO ALGARVE!

A "CASA DOS ALGARVIOS" EM LISBOA

TODA a imprensa da capital, Pôrto e do Algarve, acolheu com as mais disselvidas mostras de corralho, a ideia da fundação da "Casa dos Algarvios", em Lisboa, ideia que lhe foi comunicada, pelo director da *Alma Nova*, na carta que segue:

"Sr. director — Por vontade e indicação publicamente expressas de alguns algarvios, perante os quais a circunstância de não possuímos ainda na capital do país um grémio que nos represente, nesse dia a dia, aspectos mais humilhantes, e ainda por ter sido um dos primeiros militantes da cause regionalista do Algarve, que pregeram a necessidade da instituição de tal grémio, tomei a iniciativa de procurar converter em realidade a ideia da fundação da "Casa dos Algarvios", em Lisboa, convidando para isso todos os meus patriotas e inscreverem-se com os verbos de que possam dispor e que só depois de atingirem o montante necessário deverão ser contrahidas, sob a forma de cotas ou acções, ou de outra qualquer modalidade a fixar.

Têm sido, é certo, já numerosas e entusiásticas as adesões à deliberação prática que tomei, mas como nem todos os algarvios com ela poderiam tratar conhecimentos, apenas através do periódico local em que foi inicialmente apresentada, resolvi torná-la extensiva a todos os jornais do Algarve e das duas capitais do país — Lisboa e Pôrto — certo de que se trata de um assunto que não só interessa altamente a todos os algarvios, mas que implica mesmo com o seu próprio brin.

É vasto o plano de ideias já estabelecido para a instituição da "Casa dos Algarvios", em Lisboa; porém, de início, a única fórmula prática, útil a experiência, é a limitação dos esforços na fundação de um grémio e escritório de informações.

O tempo e os successivos impulsos recebidos, ditarão, para depois, os objectivos melhores a atingir. Numerosos eles são.

Da comissão organizadora, constituída há quasi sete annos, sob a presidência do saudoso general Alberto de Silveira, fazem parte algarvios de valor e acção, que estão ainda dispostos a todas as sacrificios. Não toleram eles, todavia, que os seus resplandes patrióticos se não sacrificuem também um pouco. A isso aqui os cito.

E a v., sr. director, igualmente confio a missão de nos auxiliar na nossa cruzada, acolhendo nas columnas do seu apreciado jornal a indicação de todas as verbas com que os subscriptores para a fundação da "Casa dos Algarvios" desejam inscrever-se por intermédio do mesmo.

Em folha especial, de distribuição gratuita, a revista *Alma Nova*, que dirijo, reunirá mensalmente todas as listas de subscrições abertas e ficará o seu montante. Para estarem ao facto desse movimento, e para efeitos de escrituração é, pois, indispensável que todos os subscriptores remetam os seus nomes e moradas à direcção do mesmo revista — Calçada de João do Rio, 8-1.º, Lisboa.

Agradecendo de antemão, em nome de todos os algarvios, o valioso concurso do jornal que v. superiormente dirige, subscrevo-me, com a maior estima e apreço. — De v., etc., o director da *Alma Nova*, Mateus Moreno.

Em Lisboa, *A Voz*, o *Diário de Notícias*, *As Novidades*, o *Diário de Lisboa* e *O Povo* abriram as suas columnas às inscrições de todos os algarvios que através das mesmas quiserem subscrever para a sua "Casa"; e no Pôrto, o grande diário *O Comércio do Pôrto*, accusa também assim a recepção do nosso comunicado:

"Grémio Algarvio — Exemplo de solidariedade e de amor pátrio é a constituição do Grémio Algarvio, que a *O Comércio do Pôrto* merece o maior sympatho e em favor do qual gostosamente receberemos quaisquer donativos que nos sejam confiados."

A *Alma Nova*, crente que desta vez a "Casa dos Algarvios" não ficará apenas em aspirações, já tem quasi constituída a Comissão Organizadora, que deverá brevemente convocar uma grande reunião da colonia algarvia da capital, e officiar a todas as entidades administrativas do Algarve, solicitando-lhes também o seu auxilio.

A subscrição do *Correio do Sol*, de Faro, está em 3.630\$000 esc., importância assim discriminada:

De Lisboa: — Ten. Mateus Moreno, 100\$00; dr. Humberto José Paçeco, 1.000\$00; José Raal do Graça Mira (*), 100\$00; António Saldos Mendonça, 1.000\$00; Pedro Baptista Ribeiro, 100\$00; João Sequeira Castanho, 1.000\$00 e D. F. 50\$00.

De Coimbra: — Visca Branco, 200\$00 e dr. Azevedo Mendonça, 100\$00.

O "INSTITUTO ALGARVIO" DE COIMBRA

COMO informamos no número anterior, os estudantes algarvios que se encontram em Coimbra acabaram de fundar ali uma instituição de caracter regional, que muito pode vir a servir o Algarve. Preside a essa instituição, de que foi o organisador principal, um algarvio ainda bastante moço, mas muito culto e empenhador, o quintanista de medicina sr. Carlos Pedro Cabrita, que em officio, de que a seguir publicamos alguns trechos, nos expõe o que é e aquilo que pretende o *Instituto Algarvio de Coimbra*:

... Sr. Tenente Mateus Moreno, meu presado amigo — Acuso recebida a sua cortante carta de 6 deste mês, onde accusa o nosso officio n.º 2 e accita o convite para, por delegação, nos representar em Lisboa;.....

Quando se tem muitos ideios ao mesmo tempo, em regra nada se faz. Ora, para fazer muitas coisas, julgo que é do mais elementar bom-senso, fazer uma de cada vez. Por isso, traçar no meu bom amigo, ou em publico, um plano de acção do incipiente Instituto Algarvio seria usar de disciplina mental, de consciencia, e nós, em regionalismo algarvio, ainda não temos consciencia colectiva: temos que criá-la.

A mais que, neste momento, nos interessa, é talvez ingloria, mas precisa. Trata-se de fundar a casa. Estamos neste momento escrevendo os estatutos: cousa de doutrina generica, para dar personalidade juridica à agremiação. Estamos fazendo a subscrição entre os rapazes para as despesas de installação, tudo isso é tempo indispensavel.

Como vê, precisamos de sugestões, sim senhor. E se o meu estimado patriota os quiser fornecer, já que é pessoa entendida, é favor, e muito grande, que nos preste.

Na verdade, como diz a colonia de algarvios — os sócios effectivos — é de passagem e não de fixação. Mas, amigo, uns vão e outros chegam. O mesmo acontece à Associação Academica, que eu conheci, há 6 annos, como coisa insignificante, e hoje é qualquer coisa de formidavel. — creia no que afirmo.

De resto, vamos estender a rede pelo Algarve, criando gente agregada, para estabelecer o inter-cambio, e o Instituto Algarvio, dirigido por estudantes, aglutina muita gente e forá coisa serio. E certo que realisações de ordem imediata o Algarve as não poderá esperar de nós, mas temos um campo bem vasto — a doutrina.

Vamos convidar os intellectuais algarvios a virem a Coimbra, para os realçar e para, ante nós, enfrentarem problemas da terra. Só o facto do Algarve ter, num meio puramente intellectuel como esse, um tal ponto de apoio, é coisa que se aspira há muitos annos e só agora se vai conseguir.

(Não terá importancia virem à urbs Universitaria poetas, pintores, homens-de-lettras, e sobretudo gente tecnica do Algarve, mostrar este aos homens de amanhã sob os seus multiplos aspectos de pensamento, de Arte, de acção patriótica, e sobretudo de economia politica?)

(Não terá importancia o curso de climatologia medica que o dr. Geraldino Beles vai, logo que possa, aqui fazer, através da conferencia, da projecção luminosa e do estudo impresso?)

(Não terá importancia a Biblioteca Regional que pensamos pôr à disposição de todos os estudantes já em 1930? É a nossa acção patriótica junto dos sábios estrangeiros que vêm de longada a Coimbra aos cursos de Férias? Pensamos oferecer-lhes livros do Algarve, — propaganda toda esta desde que os escritores algarvios correspondam ao nosso apelo, ao apelo que lhes vamos lançar, para que nos ofereçam livros para esse efeito.

Alem disso, se houver massas ou facilidades, eu penso encarregar-me pessoalmente de publicar os manuscritos que existem nas Bibliotecas referentes à historia do Algarve. E se houvesse dinheiro, julgo que já não tenho pensado na publicação duma revista de estudos algarvios?)

... Como lhe dizia a principio, não se devem traçar planos de acção. As ideias são muitas, mas nada valem sem a realização.

... Fazemos porisso alguma coisa, embora pouco, que o resto o seu tempo virá. E o resto, parecendo que não, custa menos do que aquilo que já está feito.

Coimbra, 11-2-1929.

CARLOS PEDRO CABRITA.

(*) Compromete-se a entregar tambem, necessariamente, 23500 esc., até que seja feita a colação dos sócios.



BEIRA ALTA — Mulher de Lamego

A Beira, — fala da Beira histórica, — é a província mais variada que temos em Portugal. Que admira? Se ela grosso modo se estende O-E, do Atlântico à fronteira castelhana, e N. S., do Douro ao Tejo!

Beira-Litoral, Beira-Marítima ou simplesmente *Beira-Mar*, na descida, luxuriante e policrômica, do centro planáltico para a costa; — *Beira-Alta*, no planalto médio, bordado de montanhas; — *Beira-Baixa*, na planície agrícola entre as montanhas e o Tejo; — eis as variantes genéricas do antigo «Principado da Beira».

Com tão diversas condicionalidades morfológicas, variado teria de ser o aspecto etnográfico. Almas e corpos haveriam de modificar-se na razão dos elementos influentes no *habitat*. Assim é. Da região farta ao rincão sóbrio; da costa ao planalto; do vale a serra; da várzea à charneca; — ceus húmidos e ceus secos; polícrômica viva do litoral ao monocromismo serrano ou charneco; — almas para Deus ou almas para o diabo, comoente a vida se abre em promessas ou lectas em desesperos; — são factores que influem na maneira de ser a gente, quer materialmente quer espiritualmente.

A mulher beirão de uma forma geral apresenta, em função desses factores esternos, os três tipos principais — *litoral* e *marítima*, — *serrano*, — e de ao pé da Serra com os dois subtipos: *ribeirinho* e *par do oceano*, *charneco*, da Beira-Baixa. Isto, sem atender aos tipos secundários mais ou menos isolados. E, pois, no seu aspecto global a mais diferenciada e prótica de todas as mulheres portuguesas.

O *marítima* dedica-se por preferência à lã da Mar; se é lavrador na terra que o Oceano enfarta, é pescador, é malheiro, — que sei? — nas ondas. A mulher completa-o como um coiseteiro é o lençúculo do patrão de loja: *servida*, *cerce*, *dríade*, ... e anjo-da-guarda, quando de onda nas águas do mar e ela está à Senhora dos Navegantes ou da Bonança.

O tipo central da mulher litoral está definido pela *ovarina* ou *varina*, específica designação da mulher de Ovar, — no sentido da região da Ria de Ovar, — que se estende a toda a mulher da costa entre Ovar e Mira, e ainda a Espinha arriba e Boarcos abaixo.

A *ovarina* é serena no mar, tem a elegância de peixe na água; melancolifica-se em terra: soa arrogante, chapulho mudo na cabeça, pés nus, quando faina; de anfeina rica, challe frangido, chumelas pesponadas, que os sepeiros vão desbancando, e muito ouro.

Mais requinte, menos requinte,

A MULHER DA BEIRA

Por LUÍS CHAVES



BEIRA LITORAL — Mulher de Ilhavo



BEIRA LITORAL — Mulher de Martos

empareceiam com ela em rivalidades as mulheres de Martosa e de Ilhavo. Esta mulher marítima, após as donas e arrais abaixo da região da Ria, vai reaparecer, menos ovarina e mais tricana, em terras da Figueira-da-Foz. A ela se refere a quadra popular:

As meninas de Figueira,
O seu dote é uma ovelha;
Antes de partir em parte
Quem marca a castelha trica (1).

Para o interior, mas na zona bota do litoral, o tipo feminino vai-se diluindo lentamente para fora do cubo ribeirinho, através da bacia inferior do Vouga, e pelas várzeas risonhas. Ali, num misto de castelhas, surge a *tricana*, a mulher dos campos do Mondego inferior, cujo tipo urbano se concentra em Coimbra e desborda nos arredores. Mancha leve de garota, alegre se trabalha no campo, alegre se corre a cidade santa do ribeirinho campanico do Mondego, alegre se lava e canta no rio, — vai transformar-se num corião de *Coimbra* ou *Whistler*, quando no Domingo passeia a santidade sossegada do descanso, com o chulito negro sui cingido.

Sobe-se ao planalto central; sobe-se às montanhas que o abrem pelo Poente e Sul; vamos tocar com a mulher serrana, tons escuros que contrastam com a policromia ou, pelo menos, com a mancha clara e alegre da mulher campanica na zona baixa do litoral. Define-as no Sul, de Coimbra para as serranias próximas, e define-as pitorescamente Mestre Gil em *O Juiz da Beira*:

As serranas Coimbra
E as da Serra da Estrela,
Por mais que sirvam se vela,
Valem mais que as citadinas;
São penturas finas,
Que a toda fazem guerra
Sem dote e com da terra (2).

Domina o burel e o beiche. Rudeza de tecido e primitivismo de forma. A capucha das «capuchetas» serranas é característica: forma o modelo de que irradiam diferenciações: — maior ou menor altura, variedades no corte, copuz redondo ou em bico-de-soco, falta de copuz, substituído pelo *abeiro* (chapéu de grandes «abas», — o «aguarda» — «aguarda» da Alta-Alentejo, o «sombreiro», a castelhana, pela rã); simplificação no eventual rodado, a apertar no pescoço, e a descer a alturas diferentes, — e daí a sãia, posta aos ombros como capa de capucha. Sãias amplas, palmicas de tomentos, socos de pau na base e cairo rijo na



BEIRA ALTA — Lavandura de Pichel

(1) Pedro Fernandes Tordo, *Crônicas Apalçadas da Beira*, Coimbra, 1925, pág. 238.

(2) Gil Vicente, *Obra*, Lisboa, 1852, vol. III, pág. 189.

envolta do pé, por vezes com requintes decorativos nos recortes e no vinculo a bisagra; completam a indumentária serrana, a precetto, do capoteira.

Na chomeca e nas vazeas da Beira-Baixa, nos pés da Capdanha e da Serra-da-Estrêla, o tipo feminino é menos característico. Por aqui tem mais pitoresco o figurino do homem. Na Serra encontrou Rafael Bordalo Pinheiro o modelo do seu Zé Povinho, caricatura ideográfica do serrano.

A Beira-Baixa ainda ligada administrativamente uma parte característico da Beira-Alta. No Congresso das Beiras, o ano passado reunido em Aveiro, se reclamou que a Beira-Baixa compreendesse a parte leirões no Sul da Serra-da-Estrêla. Os próprios habitantes do vale do Zézere, na Cova da Beira, chamam «serranos» aos da parte septentrional, que abrange terra arriba do Sôgual e Guarda.

Estes «serranos» ligam a sua indumentária de defesa do frio com a dos mais da Beira-Alta, com maiores ou menores variações: — si temos a mulher de Pinheiro com a capa, feita de sãa rodada, e o chapéu encume na cabeça, sobre o leço.



BEIRA ALTA — Mulher da Serra (Pinhel)

Para baixa, as «camponesas» na região central, com as «beirões» no rio Zézere, e «ribeirinhas» para jusante, as «charnequeiras» ou «charnecas» a toda o Sul até o Tejo, a prolongar-se pelo Alto Alentejo, as «arrolas», pouco diferem entre si. Tons chocolate de Inverno, camisas claras no Verão, chapéus na cabeça o resguardar o sol veraneiro, não têm cunho típico, e isso sucede com

frequência nas zonas limítrofes e de transição, onde etnograficamente se confundem os elementos.

Que, na divisão territorial dos tipos etnográficos, temos de contar com estes dois elementos paralelamente demográficos: — do interior para o coasto e vice-versa, — das alturas para as baixas, e a reciproca. Até em razão climática bate certo: o brise entre a montanha e o vale.

LUÍS CHAVES.



A

“Alma Nova”

inicia no próximo n.º

o

“Cantinho da Mulher”

por

Maria Nazário.



BEIRA LITORAL — Mulher de Aveiro

III
|
MAYO
DE
1923



NÚMERO
|
DIRECÇÃO
DE
TEMPO

RECREIO DOS MATUTOS

A Alma Nova inicia hoje esta nova secção, onde publicará mensalmente uma serie de passatempos numerados, constando de hieróglifos, palavras cruzadas, charadas, enigmas, adivinhações, etc., a qual podem encontrar todos os afeccionados, como colaboradores e decifradores.

Todas as produções destinadas a publicação devem obedecer aos cânones do charadismo e vir acompanhadas dos respectivas soluções.

Terá um prémio de honra, figurando no respectivo quadro, o decifrador de todas as produções de cada número; terá prémio de mérito, o que decifrar o maior número de produções.

CHARADA EM VERSO

(A Semana, de L. E.)

1) Este instrumento não presta, — 2
Não serve para quasi nada. — 2
Mas é tudo o que me resta
Da opulência passada.

E tu, se queres que eu diga
Quanto por de tu sei,
Não faças a mesma intriga
De certos socos, que eu sei...

Litão.

TEMUSA.

CHARADAS EM FRASE

- 2) A mulher e a multidão dão-me nuseas — 2-2.
- 3) Assim ao acaso, nota, que podes apanhar uma sora — 2-1.
- 4) O salário corresponde ao grau do instilar — 1-2.
- 5) Não deixo, porque em casa está debaixo das asas — 2-1.
- 6) Este fructo, nota, deu-me uma pessoa muito bondosa — 2-1.
- 7) Esta ave appareceu-me aqui de chiao — 2-3.
- 8) Tenho em preparação um engenho para fazer bebida — 2-2.
- 9) A planta brasileira que o homem me trouxe parece marmosa — 3-2.
- 10) Com esse termo naturaldo, para, que si vem a planta — 1-1.
- 11) A substancia e o metal tornam um liquido — 1-2.

Tera (Algarve); Lira (Lira).

CHARADA EM QUADRO

(Por letras)

- | | |
|-----------------------------|-----------|
| Capita estrangeira . . . | 1-2-3-4-5 |
| Mulher | 2-3-4-5-6 |
| Termo nauico | 3-4-5-6-7 |
| Deus mitológico | 4-5-6-7-8 |
| Que trabalha de noite . . . | 5-6-7-8-9 |

Litão.

TEMUSA.

SÉCULO XX — ÉPOCA DO «CORTE»

(PARA OS ALBUNS)

PORTUGAL, terra sem sorte,
Que livres de destruição?
Não há ninguém que não «corte»,
— Isto «corta» o coração!

«Cortam» velhas o cabelo,
Julgando novas ficar!
A sãa, pelo joelho,
Já não tem mais que «cortar»...

O pai «corta» a lagadeira,
Pois julga isto assado;
«Corta» a filha a sobranceira
Pra agradecer ao namorado!

Sociedade reunido
Numa sala, «corta» bres...
Quem não «corta» na amiga
É na amiga que outra tem!

O famoso Ceres Pereira:
«Corta» a água, e animal
Só quem nunca «corta» a péra
É o Ferrite do Amarel!

«Corta» este, «corta» aquela,
No «cortar» é-se ligrito:
Após tanta «cortada»,
Nada, nada fica intiro!

«Corta» o Parco sem putar
Muitas vidas, nuns momentos,
Mas quem, copaz de «cortar»
Os albuns de Pensamentos?

Maria Rosa Guimarães da Silva.

P. S. — Já me esquecia apontar
(É com isto dava parte...)
Que em matéria de «cortar»
É o Estado o az do «corte»!

À MARGEM
:: DOS ::
: FACTOS :

CRÓNICA

: Por Mateus Moreno :



As reparações de guerra

O problema das reparações de guerra começa, enfim, a interessar, não só o governo da ditadura, mas a opinião pública portuguesa. Ele é, evidentemente, duma importância enorme para Portugal, em virtude das circunstâncias especiais em que fizemos a guerra e da forma *sui-generis* como foi contraída a nossa dívida respeitante à mesma.

Porque não se limita esta aos 20 milhões de libras que se tem de pagar à Inglaterra, mas também a outra, ainda maior, que chamaremos *interna* e que atinge, números redondos, mais 52 milhões, assim especificados, segundo o antigo ministro sr. Vêlhinho Correia:

Banco de Portugal	14.500.000	£
Bilhetes de Tesouro	12.000.000	•
Caixa Geral de Depósitos	5.500.000	•
Prejuízos da economia nacional	20.000.000	•

Não entrando em linha de conta com alguns milhares de vidas perdidas, capital precioso que a nação jamais pode rehaver, a guerra custou-nos, assim, a importância total de 72 milhões de libras, para a amortização dos quais, segundo o Plano de Dawes, a Alemanha deve pagar-nos anualmente 0,75 %, do fixado como anuidade móvel das reparações devidas por aquele país aos aliados, que participam, perante essa anuidade, das seguintes percentagens:

França	52	%
Inglaterra e domínios	22	%
Itália	10	%
Bélgica	8	%
Sérvia	5	%
Estados Unidos	2	%
România	1,1	%
Japão	0,75	%
Grécia	0,4	%

Após a abertura da nova conferência dos peritos internacionais, agora iniciada em Paris, a fim de estudar o «regulamento definitivo» das reparações de guerra da Alemanha, a imprensa alemã tem-se manifestado contra a ideia da obrigatoriedade do pagamento das ditas «reparações» por outra forma que não seja a de assegurar as «indenizações» de factos que pertencem ao passado, e ainda contra a ideia de que a Alemanha tem «responsabilidades morais» da guerra.

Os partidários do Stressemann, o grande caudilho do partido populista, pretendem assim fazer vingar a tese de que *todos passaram igualmente as mãos no crime de Agosto de 1914* e que é «injustiça afirmar que a Alemanha foi a única culpada»...

Um dos pontos críticos que deve, sobretudo, interessar Portugal, nesta nova conferência, é o propósito em que o grande crédor dos aliados — os Estados Unidos —, e o seu grande devedor — a Alemanha, — estão de defender que «o problema das reparações não tem nenhuma ligação com o das dívidas inter-aliadas». Tal não é, porém, verdade. Entre um e outro, diz Mr. Pierre Bruneau, há um paralelismo completo. A nota Balfour: *a Inglaterra não deseja receber dos seus devedores, os Aliados e a Alemanha, senão as sômas necessárias para o pagamento das suas próprias dívidas nos Estados Unidos*, é uma confirmação de tal asserção. E é assim que, actualmente, a maior parte dos crédores da Alemanha pagam as suas dívidas de guerra com as receitas do Plano Dawes, embora procurem reservar uma certa importância para o seu orçamento.

Tenente Alcino de Vasconcelos

Foi completamente libado das graves acusações que lhe haviam sido imputadas, e reintegrado no seu respectivo lugar, em Angola, o Encarregado do Governo do Distrito do Zaire, sr. tenente Alcino de Vasconcelos, a quem por tal motivo os seus numerosos amigos lhe ofereceram um banquete de homenagem, no restaurante Tavares.

Alcino de Vasconcelos foi um dos mais laureados

alunos da Escola Superior Colonial, e em todos os transe tem procurado sempre honrar a dita Escola. Por esse motivo aqui o saudamos.

Livros novos

Imagindrios e Hurrístas — Presépios de Évora

Apontamentos para estudo, por João Rosa, da Associação dos Arqueólogos. — Imprensa Nacional de Lisboa, 1129.

É uma formosa *plquette* de 32 páginas, em belo couché, ornada de curiosas gravuras, algumas reproduzindo desenhos ou aguarelas de Alberto de Sousa.

O autor da «Iconografia Artística Eborense» continua a afirmar neste trabalho o seu grande amor à terra natal, a sua Évora encantadora, que bem merece ainda os títulos que lhe dá, pelo precioso património artístico que encerra, de «relicário de arte» e «paraíso de arqueólogos e de aguarelistas».

O culto do Deus-Menino, traduzidos nesses «pequenos cosmos coroplásticos das natividades», que, segundo o dr. Virgílio Correia, «entraram no domínio da arte, em Portugal, ligados ao nome de Machado de Castro», e em que Luis Chaves encontra Coimbra, Alcobaca, Évora, Lisboa e Tamar, dando a moda nos séc. xvii e xviii, «com escultores e hurrístas óptimos», enchendo-se os conventos, primeiro de estátuas e grupos, depois, no segundo desses séculos, «mais mundano, versalhesco, de presépios mais ou menos sumptuosos».

Dada a raridade, cada vez mais acentuada, das reliquias coroplásticas, é de todo o ponto justo que todos os investigadores procedam como o sr. João Rosa, mimoseando-nos ao menos com as recordações da sua «distante adolescência».

As recordações do erudito autor dos *Presépios de Évora* são, porém, suficientemente documentadas para que o seu trabalho não deixe de ficar valendo como verdadeiro estudo.

Índice de Livros — Madrid. — Todas as pessoas que desejem saber que livros aparecem mensalmente em Espanha, bem como as características de cada, devem ler este *Índice*, excelente revista mensal de bibliografia, cuja administração (Prado, 14, Madrid) envia um exemplar-especimen, grátis, a quem o solicitar directamente.

Nas Serranias da Vida, por D. Maria Isabel Gamito. — É um formoso volume de versos ternos e cheios de sensibilidade, escritos por uma senhora, que, não sendo portuguesa de origem, nos revela, todavia, uma alma verdadeiramente portuguesa.

Cultura — É o título duma nova revista que vai aparecer em Lisboa, sob a direcção do dr. Campos Lima — rua Actor Taborda, 27-2-Dir.

Estatísticas

Em 1926, dizem as estatísticas, residiam em França, 50:000 americanos, 60:000 alemães e 81:000 ingleses.

Quantos portugueses e... portugueses ficaram em França, depois da grande Guerra? Eis uma estatística muito curiosa, que julgo estar ainda por fazer.

A "Alma Nova" e os seus Amigos

Muita da colaboração já anunciada, não nos é possível publicar ainda hoje, por falta de espaço. Auxiliados cada leitor, obtendo pelo menos um novo assinante, e a *Alma Nova* em breve duplicará o número das suas páginas.

Entre os nomes de pessoas amigas que ultimamente nos tem enviado ofertas e assinaturas para a expansão da revista, é-nos grato salientar os dos ex.^{tes} srs. dr. Afonso Cardoso Pereira, o escritor português Guedes de Amorim e a nossa jóven e talentosa colaboradora D. Maria Rosa Guimarães da Silva.

A todos, muito obrigados.

DESEJA

LIVROS, DESENHOS,
GRAVURAS E
TRABALHOS
TIPOGRÁFICOS
ARTÍSTICOS

E

BARATOS



Faça-se sócio da «Cooperativa Editora
RESSURGIMENTO»

Tratar: C. João do Rio, 8-1.º — LISBOA

Sócios de consumo: 1 acção de 20\$00; Sócios

de interesse: títulos de 25 acções

■ Todos os sócios recebem a «ALMA NOVA» gratuitamente ■

Direito Português

E

BRASILEIRO

Manuel Gomes dos Santos
ADVOGADO

(Com procuradoria no Brasil)

RUA VITÓRIA, 58-3.º

Telefone, C. 3156

LISBOA

ROYAL-PHOTO

Atelier de arte fotográfica

SANTOS & REPOSO, L.^{DA}

RUA DO CARMO, 55-1.º

(AO CHIADO)

LISBOA

GRAN-PRIX

NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO
RIO DE JANEIRO DE 1925